

# A SÁTIRA OS BRUZUNDANGAS E O DISCURSO CRÍTICO DO ESCRITOR LIMA BARRETO

*Felipe dos Santos Matias (Autor)<sup>1</sup>; Maria Carmen Aires Gomes (Orientadora)<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Federal de Viçosa / Departamento de Letras, lippem@yahoo.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Viçosa / Departamento de Letras, mcgomes@ufv.br

**Resumo-** O presente artigo analisa, nos moldes da teoria marxista da linguagem de Mikhail Bakhtin (1993, 2004), a construção discursiva do escritor Lima Barreto na sátira *Os Bruzundangas*. Nesta obra, o escritor pré-modernista, através da utilização de um país fictício (alegoria do Brasil), critica a sociedade brasileira do início do século XX, a literatura simbolista e parnasiana, e a organização política da República Velha, tornando-se, assim, de acordo com a teoria bakhtiniana, um agente dentro do processo discursivo, capaz de criticar, interferir e até modificar o discurso social. Por meio da utilização da ironia, Lima Barreto satiriza a sociedade de sua época.

**Palavras-chave:** Os Bruzundangas; Lima Barreto; teoria marxista da linguagem.

**Área do Conhecimento:** Linguística, Letras e Artes

## Introdução

A sátira é uma composição literária que visa ridicularizar ou censurar com humor atitudes e costumes considerados viciosos. Na sua origem, na Antiguidade, foi um gênero literário fixo, determinado pela estrutura em versos, estabelecendo-se desse modo na literatura latina, com ampla repercussão nos classicismos que vigoraram na Europa entre o Renascimento e o século XVIII. A partir do Romantismo, a sátira desvinculou-se para sempre da tradição romana que lhe atribuía uma forma específica, passando a ser uma atitude discursiva de combate, através da qual o escritor, um indivíduo posicionado sócio-historicamente, tem a possibilidade de construir um discurso crítico com relação à realidade que o cerca.

A obra *Os Bruzundangas*, do escritor Lima Barreto, é uma sátira ao Brasil da República Velha. Com essa obra, o escritor pré-modernista procurou construir um discurso crítico em relação ao contexto nacional do início do século XX. Lima Barreto viveu e escreveu no período que a historiografia literária brasileira denomina de Pré-modernismo, quando dominavam no país as correntes estéticas vindas do final do século XIX e já em diluição, como o Parnasianismo, o Simbolismo (na poesia) e um Realismo bastante convencional (na prosa). O Modernismo, iniciado em 1922, não chegou a ser conhecido por Lima Barreto, que morreu nesse mesmo ano.

Na política do início do século XX, o Brasil vivia a República Velha, ou Primeira República, dirigida por oligarquias regionais que dominavam o País com mão de ferro, especialmente a chamada “café com leite”, comandada pelos estados de São Paulo e Minas Gerais. Essas oligarquias tinham consolidado o seu poder econômico, mantendo com a política seus antigos privilégios. O resultado disso era a convivência da miséria, para muitos,

com o “progresso republicano” para poucos. O escritor pré-modernista Lima Barreto foi um mulato, pobre, suburbano, vítima do generalizado preconceito racial e social de sua época. Ele, como escritor militante, combateu a literatura simbolista e parnasiana, pois considerava-a elitista e propagadora dos ideais da classe dominante. Através do humor, da ironia e da caricatura sarcástica, ele ridicularizou a sociedade oligárquica de seu tempo. Na obra *Os Bruzundangas*, procura combater as mazelas da sociedade.

O presente artigo procura realizar uma análise discursiva dentro da obra satírica *Os Bruzundangas*, a partir da utilização da teoria marxista da linguagem de Mikhail Bakhtin (2004), a qual postula que o sujeito não é somente um divulgador de um discurso preexistente, mas um agente dentro do processo discursivo, capaz de criticar, interferir, aprimorar ou até modificar o discurso social. O objetivo central desse artigo é apontar na obra *Os Bruzundangas*, por meio da teoria bakhtiniana, o discurso crítico do escritor Lima Barreto em relação à sociedade brasileira do início do século XX, à literatura simbolista e parnasiana, e à organização política da República Velha. Os objetivos específicos que norteiam este artigo são: mostrar a importância discursiva do gênero sátira; fazer uma análise da sátira *Os Bruzundangas* pelo viés discursivo.

## Materiais e Métodos

Este estudo foi realizado à luz da teoria marxista da linguagem de Mikhail Bakhtin. A visão histórico-materialista da teoria de Bakhtin (2004) determina ao sujeito uma posição de constante interação com a sociedade e com a linguagem, a qual é vista, por ele, como um produto social. De acordo com Bakhtin (2004), como a linguagem é um produto social (e não institucional) e o sujeito é

parte atuante do meio social, então ele acaba por também ser um fator de interação.

Segundo Bakhtin, na obra *Questões de Literatura e de estética*, “o sujeito que elabora um discurso é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um *ideologema*, visto que sua linguagem particular representa um ponto de vista sobre o mundo, no qual o sujeito aspira uma significação social” (BAKHTIN, 1993, p. 135). A partir dessa citação, pode-se perceber que é muito importante a ênfase que Bakhtin procurou dar à linguagem como atividade social, pois é a partir daí que surge a argumentação de que o processo de significação é resultado de ações sociais.

Para Bakhtin, o discurso deve ser encarado como um diálogo que é produzido em relação a um interlocutor, presente ou não, pois “o discurso vivo está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela” (ibidem, p. 89). O falante, ao produzir um discurso, o faz em relação a um ouvinte. Ele cria um conjunto de significações e o estende a outra pessoa, invadindo o círculo perceptivo e contando com a capacidade de compreensão do seu conjunto de significações por outro indivíduo. Ninguém produz discursos para as pedras (pelo menos não normalmente) e mesmo que converse com as pedras, provavelmente o fará atribuindo características anímicas para elas, imaginando quais seriam suas respostas ou questionamentos ou dúvidas, etc., num processo dinâmico, dialogicamente constitutivo do discurso.

De acordo com a teoria bakhtiniana (1993, 2004), cada sujeito, como parte da sociedade a que pertence, teria então o seu papel enquanto agente modificador na atividade social. Mesmo assumindo que no discurso de um sujeito estão presentes outros discursos anteriores, a sua forma de analisar o processo de apropriação do discurso alheio pressupõe um sujeito ativo e atuante, capaz de fazer escolhas e estabelecer estratégias.

A partir da teoria bakhtiniana, é possível fazer um estudo a respeito do discurso crítico do escritor Lima Barreto dentro da sátira *Os Bruzundangas*, visto que Lima utiliza nessa obra a linguagem como instrumento de crítica à sociedade de sua época, tornando-se através do seu discurso, um agente problematizador da realidade social.

O escritor Lima Barreto defendia a “literatura militante”, pois acreditava que a missão do discurso literário era fazer comunicar umas almas com as outras, era dar um perfeito entendimento entre elas, ligá-las mais fortemente, reforçando, desse modo, a solidariedade humana.

Para Cavalcanti Proença (1976), Lima Barreto sempre escreveu em condições pessoais e sociais muito difíceis, de modo que seu texto, às vezes, padece de defeitos advindos, aparentemente, da

pressa, do descuido ou de outras dificuldades. Entretanto, na maior parte das vezes, o que parece a alguns defeitos ou descuido nas obras de Lima Barreto, não o eram propriamente, e sim a intenção do escritor de não utilizar uma linguagem rebuscada, de romper com o modelo ornamental da literatura parnasiana e simbolista.

De acordo com Alfredo Bosi, embora a sátira seja o traço mais visível de tudo que Lima Barreto escreveu, “em *Os Bruzundangas* ele fez obra satírica por excelência” (BOSI, 1970, p. 323). Para isso, o escritor utilizou-se de alguns expedientes, como o de mostrar um narrador brasileiro que visitou o país dos bruzundangas, que é uma alegoria do Brasil do início do século XX. Outros escritores satíricos fizeram coisa semelhante com relação à alegoria, como, por exemplo, o francês Montesquieu com as *Cartas persas*, o irlandês Jonathan Swift com *As viagens de Gulliver* e o brasileiro Tomás Antônio Gonzaga com as *Cartas Chilenas*. Lima Barreto aproveitou muito bem a tradição da sátira em língua portuguesa, que vem desde Gregório de Matos, e que encontrou o seu apogeu nas obras do escritor realista português Eça de Queirós, este, aliás, uma das fontes mais próximas de Lima.

Antonio Prado (1989) defende a idéia de que a sátira encerrava, para Lima Barreto, a aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro da sociedade, tendo em conta as suas condições particulares. Havia, pois, na atitude de Lima um fundo moralista – aliás, em comum com Monteiro Lobato, a quem muito admirava –, e daí a denúncia e crítica, por meio do discurso literário, dos males sociais, das injustiças, dos preconceitos, dos privilégios dos poderosos, uma vez que Lima entendia que a política praticada pelas oligarquias dominantes tinha o intuito de apenas fazer fortunas e não ter nenhum propósito de favorecer a comunhão geral.

## Resultados

No capítulo intitulado “Os samoiedas” da sátira *Os Bruzundangas*, Lima Barreto faz uma crítica mordaz à literatura parnasiana e simbolista, às quais ele considerava artificial e desprovida de significado social. Para o escritor, os poetas dessas escolas literárias são excessivamente eruditos, visto que a linguagem pomposa e arcaizante que utilizam é incompreensível para a maioria dos leitores. Ele também faz uma crítica aos leitores ingênuos que admiram estes poetas justamente por não compreendê-los. Os trechos a seguir ilustram o discurso crítico de Lima Barreto em relação à literatura parnasiana e simbolista, e à linguagem rebuscada e obsoleta empregada por eles:

“O que eles publicam são sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos,

lambidinhos, cantando as espécies de jóias e adereços que se encontram nas montras dos ourives.

A isto, eles batizam, por conta própria, de aristocracia da arte, arte superior, arte das delicadezas impalpáveis [...]

Aquela língua em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca conseguem entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dois séculos ou três.

Quanto mais incompreensível é a linguagem, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito” (BARRETO, 1985, p. 19 e 54).

A partir do uso do sufixo “-inho” nas palavras “rimadinhos”, “penteadinhos”, “perfumadinhos” e “lambidinhos”, e do emprego das expressões “aristocracia da arte” e “arte das delicadezas impalpáveis”, observa-se o tom irônico e pejorativo do discurso que o narrador de Lima emprega em relação à literatura parnasiana e simbolista. Para Maingueneau (2001, p. 175), “a enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida”. Com isso, percebe-se no trecho acima que o narrador de Lima faz uso da ironia para desqualificar os sonetos parnasianos e simbolistas e a língua empregada pelos literatos importantes da Bruzundanga, ao colocar que eles escreviam em uma língua “muito diferente da usual”.

O narrador também faz uma comparação sarcástica entre os sonetos elaborados pelos parnasianos e simbolistas e as jóias fabricadas pelos ourives, ironizando, assim, a “preciosidade” de tal literatura. No final do segundo trecho, o narrador de Lima explicita a artificialidade da linguagem utilizada pelos parnasianos e simbolistas ao afirmar que “quanto mais incompreensível é a linguagem, mais admirado é o escritor”.

A escola “samoieda” é uma alegoria das academias literárias fundadas pelos poetas parnasianos e simbolistas, que eram aliados dos figurões da alta sociedade brasileira, os quais apreciavam “belos sonetos”. Lima constrói um discurso irônico em relação a esses poetas que eram aconchavados à elite econômica, pois, para ele, esses literatos serviam apenas para deleitar e prestigiar as classes mais abastadas da sociedade, conforme se nota nos fragmentos abaixo:

“Os literatos não têm propriamente obras escritas; a bagagem deles consta de conferências, poesias recitadas nas salas, máximas pronunciadas na intimidade de amigos, discursos em batizados ou casamentos, em banquetes de

figurões ou em cerimônias escolares, cifrando-se, as mais das vezes, a sua obra escrita em uma *plaque* de fantasia de menino, coletâneas de ligeiros artigos de jornal ou num maçudo compêndio de aula [...] Esses são os escritores mais estimados e representativos, sobretudo quando empregam palavras obsoletas” (BARRETO, 1985, p. 22).

A partir da leitura do fragmento acima, percebe-se o discurso crítico do narrador de Lima em relação ao fato de os literatos da Bruzundanga (e por consequência do Brasil do início do século XX) viverem recitando poesias em diversos eventos elitistas e bajulando os “figurões” da alta sociedade, não publicando, assim, nenhuma obra escrita. Para que o co-enunciador pressuponha que se trata de uma enunciação irônica, Lima faz uso da palavra enfática “obsoleta”.

Com relação à sociedade brasileira da República Velha, Lima critica em *Os Bruzundangas* todas as suas frivolidades e mesquinhas, retratando-a como essencialmente interesseira. O trecho a seguir evidencia isso:

“Pode ser definida a feição geral da sociedade da Bruzundanga com uma palavra – medíocre.

Vem-lhe isto não de uma incapacidade nativa, mas do contínuo tormento de cavar dinheiro, por meio de empregos e favores governamentais, do sentimento de insegurança de sua própria situação.

Em uma sala, se se ouve conversa das senhoras (digo senhoras), a preocupação não é outra senão saber se fulano será ministro, para dar tal ou qual comissão ao marido ou ao filho. Uma outra criticará tal ou qual pessoa poderosa porque não arranjou para o pai uma concessão qualquer. É assim.

Uma tão vulgar preocupação pauta toda a vida intelectual da sociedade bruzundanguense, de modo que, nas salas, nos salões, nas festas, o tema geral dos comensais é a política; são as combinações de senatoriais, de governanças, de províncias e quejandos” (BARRETO, 1985, p. 74-75).

O discurso crítico de Lima em relação à sociedade brasileira de sua época é explícito no trecho acima, pois o seu narrador caracteriza essa sociedade como “medíocre”, preocupada apenas em “cavar dinheiro, por meio de empregos e favores governamentais”, que corresponde ao clientelismo. No final do trecho, o narrador de Lima afirma que nas reuniões entre essa sociedade, o tema geral é a política, visto que se discutem e se atribuem cargos políticos e administrativos. Observa-se, a partir dessa afirmação, que Lima denuncia a corrupção política que imperava (e que ainda impera) no país. Os fragmentos abaixo caracterizam o quadro político da República Velha:

“A política não é aí uma grande cogitação de guiar nossos destinos; porém uma vulgar especulação de cargos e propinas [...]”

Na Bruzundanga, como no Brasil, todos os representantes do povo, desde o vereador até ao Presidente da República, eram eleitos por sufrágio universal, e lá, como aqui, de há muito que os políticos práticos tinham conseguido quase totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador – ‘o voto’” (Idem, *ibidem*, p. 78).

Nos fragmentos acima, percebe-se que Lima Barreto, por meio do seu narrador, construiu uma crítica mordaz à política e aos políticos de sua época, denunciando a “especulação de cargos e propinas” e o “voto de cabresto”, através do qual a oligarquia dominante mantinha a sua hegemonia política e econômica. O narrador de Lima é extremamente irônico ao colocar que o voto é um elemento perturbador nas eleições do país, sendo esse um grande exemplo do discurso crítico que Lima Barreto construiu na sátira *Os Bruzundangas*.

## Discussão

Em conformidade com a teoria bakhtiniana, pode-se afirmar que Lima Barreto é um sujeito em uma posição de constante interação com a sociedade e com a linguagem de seu tempo. Por ser um escritor atuante no meio social, Lima acaba por também “ser um fator de interação”.

Ao elaborar um discurso crítico a respeito da sociedade, da literatura e da política da República Velha, o escritor Lima Barreto, de acordo com a teoria bakhtiniana, teve a intenção de dialogar com os seus interlocutores, visto que ele criou um conjunto de significações e o estendeu a outras pessoas, invadindo, assim, o círculo perceptivo delas. Com isso, Lima, contando com a capacidade de compreensão do seu conjunto de significações por outros indivíduos, buscou se posicionar ideologicamente frente a sua realidade, interferindo no processo social da linguagem, por meio da interação com seus leitores.

Entendendo a linguagem como uma atividade social, Lima Barreto, na sátira *Os Bruzundangas*, elaborou um discurso que visava representar o seu ponto de vista sobre a realidade que o cercava, na qual, segundo Bakhtin, ele aspirava “uma significação social” (BAKHTIN, 1993, p. 135).

Por meio da teoria bakhtiniana, pode-se dizer que Lima Barreto, indivíduo inserido num contexto histórico-social, interage através da obra *Os Bruzundangas* com outros discursos sociais de sua época, diante dos quais ele se posiciona para construir o seu discurso crítico.

## Conclusão

Ao final da análise discursiva da sátira *Os Bruzundangas*, pode-se depreender que Lima Barreto realiza nessa obra uma constante interação com a sociedade de sua época, na medida em que ele caracteriza-a, ridiculariza-a e denuncia-a. Retomando a teoria bakhtiniana, pode-se dizer que o discurso crítico de Lima representa um ponto de vista do escritor sobre o mundo, no qual ele aspira uma significação social.

Por ter criticado a sua realidade social através da sátira, o escritor pré-modernista pode ser considerado, segundo a teoria de Bakhtin, um “agente modificador na atividade social”, visto que ele assumiu na prática discursiva o papel de “sujeito ativo e atuante”.

Na sátira *Os Bruzundangas* o escritor Lima Barreto se posiciona claramente com relação à sua realidade histórico-social, na medida em que ele critica a literatura artificial das escolas parnasiana e simbolista, a sociedade fútil e interesseira do início do século XX, e a corrupta organização política da República Velha. A riqueza discursiva do gênero sátira deve ser ressaltada, pois proporcionou ao escritor pré-modernista a produção de um discurso crítico apurado, dotado de uma ironia militante.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de estética**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1985.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto**. Trad. Silvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto – o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.